

“VIAGEM AO ESPÍRITO SANTO E RIO DOCE”

Levy Rocha

Quando Carlos Madeira foi premiado num concurso literário, em Vitória, com a sua tradução de Saint-Hilaire: **Segunda Viagem ao Interior do Brasil: Espírito Santo** (vol. 72 da Coleção “Brasiliana”), lancei um impetuoso protesto de jovem, achando que prêmio de tal natureza só faria jús a magistrais trabalhos como o de Porto Carrero ou o de Eça de Queirós, com **Cirano de Bergérac** e **As minas de Salomão**.

Na verdade, a tradução muito deixava a desejar, mas fazia-se merecedora dos sóbrios comentários do prefaciador, Max Fleiuss, dos “francos aplausos” ou “impondo-se ao reconhecimento dos estudiosos de nossa terra”. Todavia, suscitava aos mesmos estudiosos muitas dúvidas.

Decorridos trinta e sete anos, no curso dos quais o volume se tornou um dos mais raros da Coleção “Brasiliana”, surge o mesmo texto do sábio viajante gaulês vertido para o vernáculo por Milton Amado, co-edição da Universidade de São Paulo e Livraria Editora Itatiaia Ltda., de Belo Horizonte, com a epígrafe **Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce**, vol. 6 da Coleção “Reconquista do Brasil”.

Embora a duplicidade dos títulos, trata-se do mesmo texto, contido nos capítulos VII a XV (2º volume) do original francês: **Voyage dans le district des diamants et sur le littoral du Brésil**, de Auguste de Saint-Hilaire, lançado em Paris, em 1833.

Em boa apresentação, ficha catalográfica, sumário, índice onomástico e toponímico, a nova tradução apresenta, porém, grave falha: omitiu o nome de Carlos Madeira, silenciou completamente sobre o seu trabalho. E repetiu os seus mesmos erros ou incorreções, desnordeando ainda mais os pesquisadores de história.

A narrativa de Saint-Hilaire alusiva à sua visita ao Itapemirim, com palavras quase as mesmas, salvo na atualização da ortografia, os dois tradutores assim verteram esse trecho: “No tempo de minha viagem, o melhor açúcar branco vendia-se em Cachoeiro do Itapemirim por dois mil réis a arroba”.

Ora, Saint-Hilaire visitou aquelas paragens em agosto de 1818, época em que no lugar mencionado pelos dois tradutores, isto é, a seis

léguas distantes da vila, no primeiro cachoeiro do rio, existia tão-somente o Quartel da Barca, levantado pelo governador Francisco Alberto Rubim em homenagem ao Conde da Barca, um honrado servidor do governo de D. João VI. Era o quartel guarnecido com um inferior e trinta soldados do Corpo de Pedestres. Em suas imediações só havia uma grande derribada para o cultivo de mandioca. Segundo um ofício da Câmara Municipal de Cachoeiro do Itapemirim, a primeira casa ali construída foi no ano de 1846... Essa confusão levou-nos ao texto original do sábio francês, que assim escreveu à pág. 205: "... Lors de mon voyage, le plus beau sucre blanc se vendait à Itapemirim 2.000 reis l'arrobe". E prossegue: "Quatre ou cinq embarcations suffisent pour transporter tous les produits que le district d'Itapemirim envoie à la capitale". Trecho que os dois tradutores, com as ligeiríssimas discrepâncias citadas, assim verteram: "Quatro ou cinco embarcações eram suficientes para transportar todo o produto que Cachoeiro do Itapemirim destinava à Capital". Mas, Cachoeiro não existia em 1818; não podia exportar açúcar para o Rio... Quem exportava, e isso parece muito claro no texto de Saint-Hilaire, era "le district d'Itapemirim", ou melhor, a vila de N. S. do Amparo de Itapemirim, cujo distrito, então recém-criado, tinha uma população de 1.900 habitantes.

O sábio-viajante contou nove engenhos de açúcar naqueles arredores. Eram os mesmos citados pelo Governador Rubim em sua **Breve Estatística** de 1817: as grandes fazendas, com nove engenhos reais (oito, de fato): Arêa, Cardoso, Cutia, Boa Vista, Barra Seca, Passo Grande, Paineira e São Gregório da Ribeira, e uma engenhoca, coberta de sapé, cujo nome não mereceu registro.

Prosseguindo a narrativa do sábio-viajante, declara ele que as embarcações podiam subir o Itapemirim "por espaço de mais ou menos oito léguas, mas, daí em diante, são detidas por quedas de água ou por cascatas" (Milton Amado). Essas "quedas de água" e "cascatas" que sabemos não existirem no rio e que o sábio excursionista escreveu "... soit par des chutes d'eau, soit par des rapides", nós interpretamos como: "seja por encachoeirados, seja por corredeiras".

Para não avançar mais, respeitando as memórias dos dois tradutores, falecidos, lembramos que Carlos Madeira não foi um tradutor-juramentado nem passou além desse primeiro exercício que línguas ferinas da província andaram espalhando, a boca pequena, ser um trabalho de sua professora de francês. Milton Amado, porém, "homem indicado para a presente tradução", conforme afirmativa do Prof. Mário Guimarães Ferri, seu prefaciador, "traduziu até agora mais de 50 obras". Como justificar a falha que apontamos?